

A matriz africana no espaço do terreiro de candomblé como exemplo de topofilia

Sandro dos Santos Correia¹  Regina Suama Ngola Marques^{2*} 

¹ Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Brasil

² Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Brasil

*Autor de correspondência: marquesregina@uol.com.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar como a tradição de matriz africana e afro-brasileira presente no espaço do Terreiro de Candomblé pode ser considerado como um exemplo de Topofilia. É um estudo de Pós-Doutorado desenvolvido no CCS, no NEPPINS, na UFRB. O lócus ocorre na cidade de Cachoeira, no estado da Bahia. A metodologia adotada foi a do trabalho de campo e da observação participante, utilizando-se de publicações locais específicas sobre a temática. Os principais dados demonstram que o espaço do Terreiro de Candomblé, que é considerado sagrado, possui elementos de natureza topofílica, tendo a possibilidade de contribuição positiva para a população negra no Recôncavo Baiano.

ABSTRACT

The objective of this work is to show how the African and Afro-Brazilian tradition present in the Terreiro de Candomblé space can be considered as an example of Topophilia. It is a Post-Doctoral study developed at CCS, NEPPINS, UFRB. The locus occurs in the city of Cachoeira, in the state of Bahia. The methodology adopted was fieldwork and participant observation, using specific local publications on the topic. The main data demonstrate that the Terreiro de Candomblé space, which is considered sacred, has elements of a topophilic nature, with the possibility of a positive contribution to the black population in Recôncavo Baiano.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es mostrar cómo la tradición africana y afrobrasileña presente en el espacio Terreiro de Candomblé puede ser considerada como un ejemplo de Topofilia. Es un estudio de Post-Doctorado desarrollado en el CCS, NEPPINS, UFRB. El locus ocurre en la ciudad de Cachoeira, en el estado de Bahía. La metodología adoptada fue el trabajo de campo y la observación participante, utilizando publicaciones locales específicas sobre el tema. Los principales datos demuestran que el espacio Terreiro de Candomblé, considerado sagrado, tiene elementos de carácter topofílico, con posibilidad de contribución positiva para la población negra del Recôncavo Baiano.

PALAVRAS-CHAVE:

Cidade de Cachoeira
População Negra
Matriz Africana
Terreiros de Candomblé
Topofilia

KEYWORDS:

African matrix
Back population
City of Cachoeira
Terreiros de Candomblé
Topofilia

PALABRAS-CLAVE:

Ciudad de Cachoeira
Matriz africana
Población negra
Terreiros de Candomblé
Topofilia

SUBMETIDO: 03 de novembro de 2023 | **ACEITO:** 20 de dezembro de 2023 | **PUBLICADO:** 21 de dezembro de 2023
© ODEERE 2023. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

INTRODUÇÃO

Esse texto tem como objetivo mostrar como a experiência espacial no interior de um Terreiro de Candomblé pode ser considerado um exemplo de Topofilia e como a organização interna transforma o lugar em sagrado, gerando uma hierofania em torno dos mitos de matriz africana, principalmente.

A construção histórica desse espaço do Terreiro foi marcada pelo preconceito, discriminação e exclusão, dando ao Templo um caráter social negativo associando o mesmo a um espaço de rituais negativos, diretamente ligados ao Diabo e a Satanás.

O papel social do Terreiro de Candomblé foi criminalizado durante décadas reproduzindo um racismo criado desde o período da Escravidão.

Essa prática para com esse segmento religioso tem revelado a violência estrutural, simbólica e física que privilegiou a figura do caucasóide como principal figura civilizadora em detrimento das outras etnias existentes no território.

A organização do presente artigo se dá da seguinte maneira: I aspectos relacionados ao terreiro e as emoções "a relação entre espaço e emoções"; II A organização do Candomblé; III A relação entre o Candomblé e a Topofilia; IV a discussão do candomblé no IV congresso internacional do NEPPINS; Considerações Finais e Referências.

I ASPECTOS RELACIONADOS AO TERREIRO E AS EMOÇÕES "A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E EMOÇÕES"

A experiência dos africanos no Brasil é marcada pela subalternização coletiva em virtude do processo de Escravidão de mais de 300 anos em que produziu efeitos devastadores na população negra de um país tropical.

Um desses efeitos está no afeto e na referência dos descendentes de africanos escravizados das sucessivas gerações que formaram e das futuras que serão parte da composição demográfica desse território.

Essa adaptação em terra estranha foi o grande desafio desses indivíduos que chegaram na colônia portuguesa como parte de um projeto de colonialidade que

tinha como foco a dominação de povos rivais e oponentes ao modelo de civilidade europeu.

O racismo existente na sociedade brasileira corrompeu a construção de possibilidades de experiências exitosas que incluíssem a construção histórica da população negra como subalterna, inferior, marginal e outras adjetivações negativas.

Ao invés de incluir, excluiu, aprofundando obstáculos e aumentando a distância de uma mudança, verticalizando mais profundamente as diferenças entre pretos e brancos.

Essa característica altera a forma que o indivíduo vê a realidade e a concebe influenciando na sua experiência indo até os sentidos mais sensíveis como olfato, paladar, tato e outros.

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. (TUAN, p. 15, 1983)

Essa experiência forjada de negações invade os lugares e molda as instituições em um projeto de nação que exclui o elemento africano e de matriz africana de formação e quando o inclui o subalterniza dando uma condição de inferioridade ao descendente de africano escravizado que dá a impressão de deslocamento e exclusão da sociedade.

Esse comportamento pode gerar realidades paralelas e mundos deslocados em uma proposta civilizatória que se impôs com a colonização de exploração produzindo pressões sociais que produziram resistências que se materializaram no interior do espaço do Terreiro de Candomblé.

Esse espaço também se essencializa enquanto lugar que dá sentido ao que é criminalizado pela sociedade e que constrói relações afetivas e reorganiza a existência de um grupo social. *“As proposições espaciais são necessariamente antropocêntricas, quer sejam substantivos derivados de partes do corpo humano ou não. (TUAN, p. 56, 1983).”*

Essa sensação de proteção pode vir da capacidade desse espaço do Terreiro ter preservado a memória invisibilizada pelo racismo da sociedade, e, se não destruída, destorcida por interesses diversos, principalmente os capitalistas e

neoliberais que irão justificar toda a competição vigente.

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de ganhar a vida. (TUAN, p. 59 (107), 1983)

Essa relação com o espaço do Terreiro pode até se caracterizar como uma topofilia frente ao processo de integração social dando a sensação de inclusão, podendo ser considerado o seu clã, principalmente em uma realidade competitiva desse mundo capitalista/neoliberal.

A Terra, no universo mítico, é origem. Ela é fonte da vida, é de onde os homens saem, assim como todos os seres e os contrários que eles vigiam durante toda a sua vida, é fonte das relações e das obrigações filiais. Somos tentados a pensar nessa "origem" a partir de nossas categorias de anterioridade cronológica e de causalidade. (DARDEL, p. 48, 2015).

A experiência dos africanos e seus descendentes e como a mesma se transformou em mito, a sua vivência na terra e de que maneira os seus ensinamentos nos inspiram comportamentos que reproduzem os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, contribui para que Cachoeira seja um espaço marcado pelas tradições iorubás, reterritorializando uma tradição que foi historicamente subjugada em seu território de nascimento no continente africano. Isto nos impõe reflexões complexas de como a resistência de algumas pessoas garantiu a reprodução de espaços e territórios oficialmente excluídos de emancipação e de cidadania.

Nas sociedades ditas primitivas e na maior parte das sociedades antigas e medievais, a ligação do homem com a Terra recebeu, na atmosfera espaço-temporal do mundo mágico-mítico, um sentido essencialmente qualitativo. A geografia é mais do que uma base ou um elemento. Ela é um poder. Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos (DARDEL, 2015, p. 48).

O pensamento de Eric Dardel corrobora com o pensamento da ligação do homem com a Terra, levando em conta todos os seus aspectos como a terra, a água, o ar e os seus demais elementos constituintes que influenciam diretamente no funcionamento do seu corpo e da sua mente. Esta relação tão direta com a

terra acaba criando uma cultura própria e que se posiciona com uma função específica na sociedade onde está inserida, dando o seu verdadeiro papel por meio da cultura ali desenvolvida e praticada, reconhecidamente expressiva de certa etnia.

Mas o terreiro de candomblé afixava-se como um território étnico-cultural capaz de acolher de modo geral o entrecruzamento dos espaços e dos tempos implicados na socialização do grupo negro. Ali eram guardados conteúdos patrimoniais valiosos (o axé, os princípios cósmicos, a ética dos ancestrais), e também os ensinamentos do xirê – os ritmos e as formas dramáticas que se desdobrariam ludicamente na sociedade abrangente (SODRÉ, 2002, p. 148).

Esta citação acima irá sintetizar a função desse Santuário para a história da população negra do Brasil, o colocando como uma referência que estrutura a vida de um segmento populacional com um território étnico-cultural e também como um espaço de entrecruzamento.

O autor irá ainda reforçar seu papel o ampliando de uma dimensão física e material para uma de natureza civilizatória que irá abranger também os valores éticos e morais de uma sociedade.

O Terreiro de Candomblé é um local e espaço que preservou esta tradição trazida pelos africanos escravizados até os dias atuais, principalmente no espaço urbano, marcado pela competição capitalista e desapego à memória das populações historicamente exploradas pelo modelo de desenvolvimento capitalista.

Ao tempo em que esta expressão, Terreiro de Candomblé, possui uma trajetória histórica para os descendentes de africanos no Brasil, especificamente na Bahia, influenciando expressões afro-brasileiras em todo o Brasil e servindo de referência para o próprio continente africano.

Essa influência se dá de forma múltipla por sacerdotes, sacerdotisas, adeptos, intelectuais, artistas e até empresários que participam de entidades oficiais e ocupam espaços importantes na sociedade civil que fortalecem a influência positiva do Axé neste resgate dos valores ancestrais.

Outra questão que aparece é a dificuldade de tratamento com este segmento populacional que tem muito pouco tempo experimentando uma relação sem criminalização, ou seja, este segmento ainda está aprendendo e se acostumando a lidar com esta condição de liberdade e civilidade.

O "Terreiro" é a designação espacial que indica o espaço físico onde haverá a materialização da cultura do Candomblé por meio dos cânticos, idiomas, roupas, danças e demais comportamentos que ligam este território a uma nação ritualística na África.

O lugar sagrado geralmente possui características para a realização de rituais como: rios, mares, florestas, mangues, árvores sagradas. Estes lugares sagrados ultrapassam o espaço físico do Terreiro.

Para a geografia, "lugar" é uma categoria e tem uma relação afetiva com laços comunitários e familiares estruturantes, ao mesmo tempo que o Terreiro também é um lugar, também é um espaço, porque representa uma demarcação espacial que se relaciona com o desenvolvimento.

Por isso essa pergunta, mas na pesquisa, não foi detectado um Templo com uma área territorial tão extensa assim, que possua todos estes requisitos desse tipo de lugar sagrado, com uma extensão de terra contínua e com uma nascente de rio, por exemplo.

Mas, não só o entendimento no sentido literal, mas, no sentido, de concepção, não importando ser uma floresta ou um jardim, mas, na forma que se organiza a relação entre homem e natureza.

O jardim é um tipo de lugar sagrado. Em geral, os lugares sagrados são locais de hierofania. A moita, a fonte, a pedra ou a montanha adquire caráter sagrado onde quer que seja identificado com alguma forma de manifestação divina ou com um acontecimento de significado extraordinário. Se Mircea Eliade está certa, a primeira e fundamental idéia na santidade do lugar é que ele representa o centro, o eixo ou o umbigo do mundo. Todo o esforço para definir o espaço é uma tentativa para criar ordem onde houver desordem: ele compartilha, em parte, da significância do ato primordial da criação e, portanto, o caráter sagrado de tal ato. Não somente a construção de um santuário, como também a construção de uma casa e de uma cidade, tradicionalmente, pedem a transformação ritual do espaço profano. Em todos estes casos, o lugar foi santificado por um poder exterior, quer seja uma pessoa semi-divina, uma deslumbrante hierofania, ou forças cósmicas que amarram a astrologia e a geomância. O sinal da ocasião memorável pode ser muito simples: por exemplo, o aparecimento de formigas ou camundongos pode ser interpretado como uma evidência da ação divina. Os lugares onde nasceram ou morreram líderes carismáticos dotados de atributos divinos adquiriram algo de suas santidades. A santidade estava centralizada no santuário ou na tumba, porém a aura sagrada se difundia sobre todo o espaço circundante e tudo nele contido – árvores e animais – eram enaltecidos por esta associação. (TUAN, 1980, p. 168).

A ideia de lugar sagrado ou lugares sagrados tem uma relação com

“hierofania” que abrange aspectos ligados a santidade e o seu caráter sagrado enquanto exemplo temos a pedra, a montanha, que apresentam um caráter sagrado e extraordinário.

A discussão da santidade do lugar é que vai representar o centro, o eixo, o umbigo do mundo, é o percurso a ser vivido e conduzido, dando uma espécie de definição ao espaço que tem a necessidade de criar uma ordem onde houver desordem.

É a construção de um sentido para vida de milhares de pessoas e no caso dessa comunidade a ideia de santuário vai pedir a transformação e a separação do profano para consolidar o lugar que foi santificado que tem a autorização por um poder exterior.

A forma que os africanos escravizados se organizaram no Brasil e especificamente na Bahia teve como base o conjunto de civilizações caracterizadas como iorubas e que organizaram seu processo ritualístico, tendo a mitologia de matriz africana como eixo filosófico.

Essa estrutura que privilegia o legado de matriz africana justificado pela escravização de povos escravizados e que chegaram até o Brasil pelos navios negreiros e que irão mostrar a possibilidade de uma nova organização religiosa e social na Bahia.

A compreensão das mitologias desse conjunto de povos escravizados trará ao Brasil um conjunto de tradições que irá se relacionar com outros elementos étnicos como os índios e colonizadores europeus, especificamente o português como formadores da cultura afro-brasileira.

Essas comunicações terão como norteador a relação com a Natureza, sendo os seus elementos vistos como sagrado a exemplo da terra, da água, do fogo e do ar, sendo operacionalizados com as folhas, os vegetais, as frutas, os animais e especiarias que vão configurar esse segmento religioso.

Um dos importantes momentos e rituais é o Xirê que irá trazer para o interior do espaço do Terreiro de Candomblé, um conjunto de deuses que, no continente africano, eram vistos como reinos e não se comunicavam, já em um novo mundo, há uma possibilidade de diálogo trazido pelo Xirê.

O ciclo de obrigações e celebrações de um Templo Religioso de Matriz Africana será organizado levando em consideração a criação do mundo como

um processo justificado por missões dos deuses e santidades que capitaneadas por um Deus maior, Olorum, irão, em conjunto, construir a explicação da narrativa da vida no planeta Terra.

II A ORGANIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ

O Candomblé se organiza de acordo com a lógica das mitologias dos povos escravizados em África e trazidos para o Brasil, como forma de subalternizados, em razão de disputas territoriais e políticas entre as monarquias europeias.

Ao mesmo tempo que havia disputa entre os reinos europeus, também havia, entre os povos africanos, diferenças, mas, a limitação tecnológica dos povos irá justificar determinadas atitudes.

Esse conjunto de etnias, idiomas e tradições construiu uma religião, genuinamente, brasileira, tornando essa tradição como uma experiência singular no Brasil.

O Candomblé, enquanto estrutura ideológica é geradora de sentimento de pertença e de valores éticos no adepto, como menciona

Pela sua dinâmica interna e pelo sentido de religiosidade que ali se constata em todos os instantes da vida grupal, é gerador constante de valores éticos e comportamentais que enriquecem, e imprimem sua marca no patrimônio cultural do país. E, diferentemente de outras formações religiosas, é uma fonte de gestação de valores e de promoção sociocultural que se sobrepõe à dimensão cultural-religiosa strictu-sensu, plasmando os sustentáculos da autoestima de ser negro numa sociedade historicamente hostil em aceitá-lo e tê-lo como elemento vital de sua formação cultural e social (BRAGA, 1999, p. 89).

A contradição entre os povos, sejam eles, na condição de subalternidade como os africanos escravizados, ou, na condição de propensa superioridade, os colonizadores, demarcou a construção dessas relações em um território marcado pela colonização de exploração.

A discussão trazida na citação abaixo revela uma divisãondendois espaços, um primeiro caracterizado como "urbano" e o segundo visto como "mato", a distinção entre eles, irá criar uma condição de complementaridade para a construção do equilíbrio.

O "terreiro" contém dois espaços com características e funções diferentes:
a) um espaço que qualificaremos de "urbano", compreendendo as

construções de uso público e privado; b) um espaço virgem, que compreende as árvores e uma fonte, considerado como o "mato", equivalendo à floresta africana, que Lydia Cabrera (1968.1ª parte) chama de "monte" e tão exaustivamente o caracteriza (SANTOS, 1986, p. 33).

As diversas experiências que foram invisibilizadas, em razão, do preconceito, da discriminação e da própria, criminalização, são incontáveis, e que, somente, recentemente, depois da edição da lei 10.639/03 trará uma revelação importante para a sociedade brasileira da exclusão promovida a esse segmento demográfico.

As reflexões de Santos (1986) decorrem da observação de um Barracão situado na cidade de Salvador, segundo a autora, em espaço rural, o *Ilê Axé Opô Afonjá*, onde ela pesquisou. Mas muitos, nesse início de século XXI estão localizados fora da zona rural e na periferia das cidades.

As afirmações irão explicar o funcionamento de um Terreiro para a sua visibilidade é fundamental para a existência do mesmo como uma instituição reconhecida pela sociedade de importância para um determinado segmento populacional.

Não é papel discutir o ritual interno religioso de um Terreiro de Candomblé, mas essa se propõe a discutir como se dá a relação com o desenvolvimento em Cachoeira para isso é necessário a afirmação de sua institucionalização.

A topofilia é enriquecida através da realidade do meio ambiente quando este se combina com o amor religioso ou com a curiosidade científica (TUAN, 1980, p. 143).

A topofilia está relacionada ao meio ambiente, ao amor religioso e a curiosidade científica que se debruça sobre a realidade que se é imposta por uma conjuntura construída historicamente.

A atitude estética para com a natureza ganha importância à medida que a mesma perde sua aura luminosa. As paisagens servem como pano de fundo para as atividades humanas diárias, quando não mais abrigavam os espíritos da terra. O cosmo do homem pré-moderno era lendário; a natureza era rica em símbolos, seus objetos podiam ser interpretados em diversos níveis e evocar respostas plenas de emoção. Estamos conscientes da ambiguidade da linguagem. A linguagem do discurso ordinário e a fortiori da poesia, é rica em símbolos e metáforas. Ao contrário, a ciência procura evitar a possibilidade de múltiplas interpretações. O mundo tradicional tem a riqueza e a ambiguidade da linguagem ordinária e ritual. O mundo moderno, por outro lado, aspira a ser transparente e literal. (TUAN, 1980, p. 162).

A relação do simbolismo do sagrado ou mesmo do simbolismo com o sagrado é uma discussão delicada ao representar um campo que, muitas vezes, pode ser abstrato, por ser de um foro muito íntimo, a fé de uma pessoa.

Esse espaço do Terreiro de Candomblé tem uma relação muito aproximada com a natureza que ganha importância ao clamar e cultuar os espíritos da Terra que aumenta a riqueza da natureza em símbolos.

A relação desse lugar com o sagrado também terá poesia, colocando a importância da linguagem ordinária e ritual do mundo tradicional, já, o mundo moderno, aspira ser transparente e literal.

Ao continuar com a descrição dos espaços sagrados do Terreiro pretende trazer a importância desse lugar como uma referência positiva para milhares de pessoas que professam um rito que já foi oficialmente criminalizado pelo Estado brasileiro.

O Templo sagrado que foi utilizado como referência para esse estudo de pós doutorado tem sua localização no Alto do Rosarinho, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano.

Esse local, na atualidade, foi batizado com a alcunha da fundadora do Templo Religioso “Mãe Baratinha”. Essa senhora tinha como nome de Batismo “Galdina Silva”. O largo do Alto do Rosarinho, hoje, tem uma toponímia com a nome de uma sacerdotisa de uma religião de matriz africana.

Esse espaço tem um cemitério o lado que tem uma aproximação da cozinha do Templo, havendo quartos de santo no térreo e o salão onde são realizadas as celebrações, e pavimentos superiores, como, se fosse o primeiro andar.

Existe uma hierarquização entre os espaços, que vão aumentar ou diminuir aproximação simbólica do território de saída dos povos que foram escravizados em África e trazidos para o Brasil, sendo que, para essa pesquisa, o Templo, e marcado, pelos quartos dos deuses africanos, entre eles, Exu, Ogum, Oxóssi, Obaluaiê e mais entidades, sendo um total de 16.

Mas, não somente isso, mas espaços que abrigam as origens indígenas, como os caboclos, aparecendo o espaço do “roncó” como central, em razão de ser esse espaço, ser acessado, somente, com a autorização da sacerdotisa, havendo, proibições explícitas de circulação.

O ciclo de festas e celebrações se inicia no último domingo de agosto, com

todos e todas com vestimentas brancas e que se estendem até o mês de setembro, durando, cerca de 1 mês e 15 dias, em torno dessa contagem.

No primeiro domingo acontece a procissão que anuncia o início das festas e celebrações públicas que serão abertas a comunidade externa, que, são, os não iniciados, formalmente, que, serão convidados pelos adeptos a festejarem a existência e a renovação da vida.

Esse domingo é dedicado a Oxalá, orixá que só veste branco, sendo a continuidade com o ritual do Olubajé que se trata de celebrar o orixá “Obaluaiê”, que é o Deus protetor da saúde e que afasta a doença dos seres humanos e dos impactos da mesma.

O ciclo continua no decorrer dos finais de semana, entre sábados e domingos, por causa da cultura do trabalho imposta em nossas vidas, que tem uma função ocidental da lógica de organização da vida e do mundo do trabalho.

O ciclo final é marcado pelo orixá “Oxum” que, em razão, do rio Paraguaçu, terá uma associação com cultos milenares africanos a rios, cachoeiras, lagoas e demais córregos d’água que estão relacionadas a energia de fertilidade e reprodução da vida humana.

Esse final marcado por muita alegria tem nas brincadeiras como “pau de sebo”, “quebra pote”, “corrida de saco”, “o cozido” e outras celebrações que irão agregar vários irmãos e irmãs da fé afro-brasileira.

Toda essa culminância será acompanhada por comida, bebida, brincadeiras e emoções que a vida humana trará, uma liberdade maior na expressão artística, musical e de danças, roupas e outros adereços que serão renovados a cada ciclo de festas realizado.

III A RELAÇÃO ENTRE O CANDOMBLÉ E A TOPOFILIA

Dentre os procedimentos e comportamentos pode-se citar o idioma utilizado para a realização dos rituais no interior dos Templos dessa religiosidade que geralmente são o ioruba ou o fon.

Vêm em seguida os demais elementos como as danças para o fortalecimento da sintonia com os deuses, as músicas entoadas e específicas para determinadas liturgias. Seguem-se Os animais, as folhas e demais elementos

utilizados no processo preparatório da culinária sagrada que terá um papel de transmissor das graças divinas.

A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (TUAN, 1980, p. 107).

A narrativa anterior sobre a organização simbólica do espaço sagrado de um Terreiro de Candomblé nos remete a símbolos, a lugar, a meio ambiente; mas, a estruturas de ligação com a fé humana.

Todos estes elementos funcionam de forma circular, principalmente em um ritual chamado Xirê, que é organizado em forma de roda e em que as divindades são reverenciadas.

Dentro do Axé o equilíbrio está no Xirê ao estabelecer um círculo, uma roda, uma circunferência em que no sentido circular irá horizontalizar a relação de importância entre os orixás, relacionando ao processo de complementaridade colocado pela lenda de Oxum em que irá permitir que a liderança feminina ganhe força e evidência.

A lealdade para com o lar, cidade e nação é um sentimento poderoso. Sangue é derramado em sua defesa. Em contraste, o campo evoca uma resposta sentimental mais difusa. Para compreender esta forma particular de topofilia é preciso estar consciente de que um valor ambiental requer sua antítese para defini-lo. "Água é ensinada pela sede, Terra – pelos oceanos atravessados" (Emily Dickinson). "Lar" é uma palavra sem significado, separada de "viagem" e "país estrangeiro"; claustrofobia implica a agorafilia; as virtudes do campo requerem sua anti-imagem, a cidade, para acentuar a diferença e vice-versa (TUAN, 1980, p. 117).

O Candomblé possui uma relação muito grande com o campo e com a terra abrindo possibilidade topofílicas por essa aproximação com a natureza. Essa razão diferencia essa metrópole mais atual que a artificialização desvaloriza o humano e a natureza.

O Xirê é organizado no Barracão em dia de oferenda, obrigação e festa pública não só com a participação dos filhos e filhas de santos, mas também com convidados externos à comunidade.

O termo topofilia associa sentimento com o lugar. Como já examinamos a natureza do sentimento, vamos agora examinar o papel do lugar ou meio ambiente como produtor de imagens para a topofilia, pois esta é mais do que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O fato das

imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, nem necessitamos acreditar (de acordo com a evidência dada no capítulo 8) que certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 1980, p. 129).

O termo topofilia associa sentimento com o lugar podendo pensar em imagens do candomblé que podem causar a topofilia; na memória coletiva a própria baiana de acarajé, o capoeirista e instrumentos relacionados como atabaque, agogô, torço, conta; podem exemplificar a identidade desse lugar sagrado.

Os elementos e objetos utilizados no interior da Casa de Santo que representam a tentativa de reterritorializar, ou seja, a tentativa de reproduzir a cultura dos seus ancestrais no espaço e no terreiro destes Templos, a exemplo de: Candomblé barracão (roça); Terreiro; quartinhas (Quartinhão); agdás (nagés); árvore sagrada (Zacaí); oujá; bandeira do Tempo (Ixé); Assento; Ilê; Pano da Costa; Palha da Costa; Pejji; Rundeme; Pai de Santo; etc. Existem outros termos que estão ligados a elementos como Nação, Inquice, Ketu, (Queto), Orixá, loruba e outros.

Tais expressões que representam o cotidiano do Terreiro de Candomblé como um lugar sagrado com determinadas características peculiares a matriz africana e afro-brasileira são fundamentais para o entendimento da dinâmica espacial desse Templo Religioso.

Tal como o pretense "amor pela humanidade" levanta nossas suspeitas, também a topofilia soa falsa quando é manifestada por um extenso território. Parece que a topofilia necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela parece ser uma unidade natural (TUAN, 1980, p. 116/ 117).

Uma importante reflexão trazida é sobre a Topofilia que soa falsa ao ser manifestada por um extenso território, tendo como exemplo a dimensão de um país, ou a importância de um espaço religioso como o do Terreiro de Candomblé.

Ao apontar as necessidades biológicas do homem e as capacidades limitadas dos sentidos, irá colocar como uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se a mesma parecer uma unidade natural.

Essa relação de topofilia e meio ambiente irá fortalecer o lugar sagrado do terreiro de candomblé como a construção de uma dignidade e de uma história associada aos renegados pela nação brasileira, mas, que, mesmo assim, construíram seu caminho através da resistência e da resiliência.

A linguagem que se coloca é transmitida por meio de canções e danças ao orixá que terá um mito específico a sua formação que tem a sua origem inicial no continente africano. Além da mãe de santo, o iniciado, terá também, um pai pequeno e uma mãe pequena como parte da estrutura da família de santo, como um padrinho e uma madrinha.

IV A DISCUSSÃO DO CANDOMBLÉ NO IV CONGRESSO INTERNACIONAL DO NEPPINS

A discussão sobre a importância dos Terreiros foi contemplada no IV Congresso Internacional do NEPPINS de 2023, o período de 25 a 27 de Maio de 2023 nas instalações da UFRB na cidade de Santo Antônio de Jesus.

O NEPPINS (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Identidade, Negritude e Sociedade) que funciona na estrutura do CCS (Centro de Ciências da Saúde) que funciona no campus da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) que funciona na cidade de Santo Antônio de Jesus no Recôncavo Baiano.

Além de contar com conferências internacionais de intelectuais francesas, também contou com performances artísticas, todas em torno do tema central do IV Congresso Internacional que foi “Psicologia e Subjetividades indígenas e negras” (25, 26 e 27 de Maio de 2023) no Centro de ciências da saúde da UFRB.

No dia 25 de Maio de 2023 no Congresso no CCS no auditório Prof. Dra. Fran Demétrio da UFRB houve o lançamento da campanha “Se tem acarajé e está na encruzilhada, tem que se vestir de Baiana!” durante a mesa redonda intitulada “Psicologia e ações no combate ao racismo e racismo religioso” com a participação da Ekedji Letícia Gamblegé do Ilé Axé Ewe Lafé, professora de História da SME/SAJ (Secretaria Municipal de Educação do município de Santo Antônio de Jesus) e Baiana de Acarajé.

A mesa intitulada “Psicologia Ambiental e Povos de Terreiros” que reuniu mãe Nilza da nação angola de Santo Antônio de Jesus, Mãe Dialá de Cajazeiras em Salvador do Parque Pedra de Xangô e pai Josias, empenhados pela valorização

do parque Pedra de Xangô.

As sacerdotisas mencionadas acima têm atuação em territórios diferentes, uma, atua, em Salvador, região metropolitana e capital do estado, enquanto a outra, atua, em cidade grande, onde funciona o CCS, o município de Santo Antônio de Jesus.

Essa discussão que contou com intervenções da professora pós doutora a líder do NEPPINS, que irá trazer para a academia a necessidade da valorização das civilizações de matriz africana e a sua importância para a humanidade, para o conhecimento universitário.

Essa tem sido a atuação e a luta desse Núcleo em aprofundar as temáticas de questões raciais associadas ao sofrimento emocional e como geógrafo nesse estágio pós doutoral no NEPPINS ao perceber a complexidade desse diálogo, não só por problemas nas fontes, mas, também por dificuldades de financiamento.

Há um tratamento de como se essas discussões fossem subciência ou uma ciência de segunda classe. Como foi abordado anteriormente o espaço sagrado do Terreiro tenta reproduzir a Natureza, que é sagrada para o Candomblé.

Essa mesa inaugurou diversas possibilidades de discussão no estágio pós-doutoral. Os aspectos metodológicos e epistemológicos que dialogam com a produção de maquetes, trabalhos de campo, visitas técnicas, oficinas de Educação ambiental, tudo em torno do Terreiro de Candomblé e o Parque em rede Pedra de Xangô!

A Mesa redonda sobre Psicologia Ambiental e Povos de Terreiros no IV Congresso Internacional do NEPPINS em 26 de maio de 2023 no Auditório do CCC da UFRB com a palestra de Mãe Nilza de Oxum foi muito importante para uma reflexão acerca dessa religiosidade.

Essa discussão foi marcada pelo histórico de resistência, persistência e cuidado dos sacerdotes e sacerdotisas das religiões de matrizes africanas, com especial atenção ao Candomblé, organizado em nações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas em torno do Terreiro de Candomblé por ser um espaço dotado de construção coletiva criado na Bahia, tendo a África como

referência, sendo a matriz africana, a principal responsável pelo sentido desse lugar norteou esse artigo.

Acredita-se que em razão de mais de 3 séculos de Escravidão oficial que sempre tratou oficialmente os corpos negros como mercadorias e que se tem como prova os diversos inventários dos arquivos públicos em que os africanos escravizados eram detalhadamente descritos como mercadorias.

As narrativas e exemplificações colocadas no percurso demonstraram essa demanda histórica antes mesmo de existir a lei 10.639/03.

A exemplificação do espaço do Terreiro de Candomblé como topofílico está na aproximação da religião com elementos da Natureza, associando as matas, florestas, mangues, rios, mares, oceanos e demais biomas a sagrados, sendo considerado a própria Natureza como Sagrada.

Essa construção do Sagrado no espaço do Terreiro de Candomblé é uma Hierofania e as características topofílicas vão possibilitar se transformar em uma referência positiva para a população negra.

A valorização e importância do tema do Candomblé no IV Congresso Internacional do NEPPINS na UFRB demonstra que há a criação de um diálogo entre o Estado e a população negra, sinalizando para um diálogo mais profícuo e que necessita de investimento.

A articulação entre vários segmentos sociais, culturais, econômicos e demais arranjos organizativos demonstram a importância demográfica que está relacionada a problemática discutida, sendo uma tentativa de visibilizar uma questão invisibilizada secularmente.

O reconhecimento que o Terreiro de Candomblé é um exemplo de Topofilia descaracteriza a tentativa histórica das elites em transformar o Espaço do Candomblé em demoníaco e que serve a Satanás devendo ser desmistificado, mas, para isso, é necessário, não só o desejo, mas, o investimento em políticas públicas que combatam o racismo religioso ainda presente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Júlio. **A Cadeira de Ogã e outros ensaios**. 1ª Edição, Salvador, Editora Palas, 1999.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de Janeiro de 2003 Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro

de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v.85, n. 156, 09 jan. 2003. Seção 1, p1264-1264.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. DELEGACIA DE COSTUMES. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Delegacia_de_costumes>

BAHIA. Governo do Estado. *Terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Félix*, organização Graça Lobo; coordenação Antonio Roberto Pellegrino Filho.– Salvador : Fundação Pedro Calmon : IPAC, 2015. 244 p. : il. – (Cadernos do IPAC, 9).

BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPROMI. *Mapeamento dos Espaços de Religião de Matriz Africana do Recôncavo/ Sepromi*. 1ª Edição – Salvador; 2012.

CACHOEIRA, Lei municipal nº 1.140 de 22 de Setembro de 2015.1.000/2014.

CACHOEIRA, Prefeitura Municipal. Lei municipal nº 1.140 de 22 de Setembro de 2015. Institui o Plano Municipal de Cultura de Cachoeira para o decênio 2015 – 2025. Disponível em: <https://planosmunicipaisdecultura.ufba.br/sites/planosmunicipaisdecultura.ufba.br/files/pmc_cachoeira_ba_lei_1140_2015.pdf>

CACHOEIRA, Lei municipal nº 1.142 de 24 de Agosto de 2015. Plano municipal de Cultura

CORREIA, Sandro dos Santos. *Celebrações da Liberdade: Candomblé e Desenvolvimento Humano em Cachoeira-BA*. Tese de Doutorado. Orientadora: Cristina Maria de Macedo Alencar. Programa de Pós-Graduação Strictu-Sensu em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2019.

CORREIA, Sandro dos Santos. *O território de Cachoeira-BA: O potencial do Patrimônio Cultural de Matriz Africana e as possibilidades para o Desenvolvimento Local do Recôncavo Baiano* In CORREIA, S.C; DANTAS, A.L; SANTOS, E.M.P. (org.) *Recôncavo Baiano: Trajetórias e Dinâmicas Territoriais*, Salvador, Assembléia Legislativa, 2015.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Perspectiva, São Paulo, 2015.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio Dias do. *Bitedô: onde moram os nagôs: redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jêje-nagô no recôncavo baiano*, Rio de Janeiro, CEAP. 2010.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza; NASCIMENTO, Maria da Conceição. Racismo, saúde mental e território: desafios políticos e epistemológicos na clínica ampliada. Revista da ABPN, v. 10, n.24, p. 03-15, nov. 2017.

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 2ª ed. rev. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O poder dos candomblés: perseguição e resistência no*

Recôncavo da Bahia. Salvador, EDUFBA, 2009.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : Hucitec, 1996.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras (Companhia de Bolso), 2015, 4ª reimpressão.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade/ Amartya Sem*: tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doniselli Mendes. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade/ Amartya Sem*: tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doniselli Mendes. – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade. A forma social negro brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade. A forma social negro brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1988.

TUAN, YI – Fu. **Espaço e lugar**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1983.

TUAN, YI – Fu. **TOPOFILIA**. Um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1980.